

HIS COM
TO PARTI
RIAS LHADAS
OU DOS CORPOS QUE NÃO SE BASTAM



DIREÇÃO:
EDUARDO BRUNO
ELENCO:
ARI AREIA
TÉCNICA:
EDUARDO BRUNO
TEXTOS:
**HELENA VIEIRA,
JOÃO W NERY,
OTAVIO QUEIROZ,
THIAGO UCHOA**



SINOPSE

Corpo, Mídia, Gênero, Pênis, Mulher, Vagina, Homem, "Disforia". Fragmentos do Cotidiano e vozes misturadas. O eu como uma construção. O Gênero não como meritocracia das genitálias. Corpos que, na tentativa de coexistir, rompem os limites da resistência e fazem da presença um símbolo de luta. Para não se afogar em silêncio todos os dias. Porque todos os corpos são certos.



A PRESENTAÇÃO

Histórias Compartilhadas é um documentário cênico construído por meio de metodologia performativa. O trabalho problematiza a noção de gênero inato a partir dos discursos que permeiam a Transsexualidade Masculina. Lançando mão de fragmentos biográficos colhidos através de entrevistas com garotos trans e também por pesquisa bibliográfica, o espetáculo traz à tona os medos, anseios, necessidades, desejos e angústias que estão presentes no processo de afirmação da sexualidade no campo social.

A peça, estreou em julho de 2015 no Teatro SESC Emiliano Queiroz (Fortaleza)

e foi desenvolvida a partir da pesquisa monográfica do ator Ari Areia, na faculdade de jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Com encenação assinada por Eduardo Bruno, Histórias Compartilhadas, através do esgarçamento dos limites físicos do ator, propõe um discurso estético e político emancipatório do sujeito sobre o qual fala o trabalho.

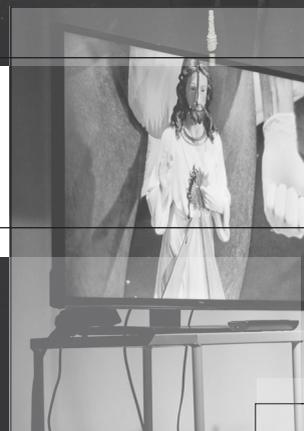
Para se estabelecer de forma mais objetiva nesse sentido, evitando cair numa apropriação indevida do discurso desses sujeitos, o caminho estético trilhado foi o da performatividade. “A ideia não era mime-tizar a ‘realidade’ deles em cena”, explica Ari, “esse foi o grande desafio da montagem”.

Para o encenador Eduardo Bruno “o espetáculo quer provocar e até constranger a plateia através do deslocamento de papéis historicamente definidos no que diz respeito a sexo e gênero”.

O processo de pesquisa e montagem do espetáculo durou cerca de um ano, com levantamento bibliográfico sobre o assunto e entrevistas. Alguns desses relatos estão na encenação, como é o caso de João W Nery (RJ), o primeiro homem transexual a fazer adequação corporal no Brasil, e Otávio Queiroz garoto residente em Caucaia (CE). Também são compartilhadas histórias de Tiago Uchoa (BA) e dos americanos Riley Moscatel e Buck Angel.

TEMPORADA

O espetáculo estreou no Teatro SESC Emiliano Queiroz, em Fortaleza (CE). Na cidade ficou em cartaz ainda nos teatros Universitário, Centro Cultural Dragão do Mar, Centro Cultural Banco do Nordeste, SESC Iracema. Em ambiente acadêmico, participou da Semana de Jornalismo da UFC, Semana de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e da Semana de Psicologia da Faculdade Nordeste (Fanor) todas em 2015.



TEATRO

Pea a visibilidade trans

Ari Areia está inserido na pesquisa sobre transexualidade há um ano. FOTO: ICA COLUCCI/REDAÇÃO

Novo espetáculo do Outro Grupo de Teatro discute a transexualidade masculina

ROBERTA SOUZA
Repórter

reconhecível. Incompreensível. Invisível. E contra essa forma de lidar com a transexualidade masculina que o Outro Grupo de Teatro se posiciona por meio do novo espetáculo "Histórias Compartilhadas", dirigido por Eduardo Bruno, que estreia hoje, às 19 horas, em apresentação gratuita, no Sesc Emiliano Queiroz.

Fruto da ação performática apresentada no começo deste ano pelo ator Ari Areia, como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, o espetáculo fala de "corpos que não se batam" e que se sentem um peso amarrado ao próprio torso.

no meio de um oceano infratiro e fútil, sempre se afogando em silêncio, todos os dias, cada dia mais um pouco", tal como anúncio de texto de apresentação.

A ideia de trabalhar essa temática vem de 2013, quando Ari entrevistou, pela primeira vez, João W Nery (RJ), primeiro homem transsexual a fazer a cirurgia de adequação de gênero no Brasil. "Fiquei encantado com a história de resistência dele: ir contra tudo e todos para conseguir adequar o corpo com o que ele se identifica", recorda o ator.

A partir dessas inquietudes, teve início um processo de pesquisas e montagem do espetáculo, que durou cerca de um ano. Além do levantamento bibliográfico sobre o assunto, foram realizadas algumas entrevistas cujos relatos são compartilhados na encenação.

E assim que conhecemos de perto as histórias do carista João W Nery, do contoneiro Odílio Queiroz, do biangê Tiano

A transexualidade masculina é o tema central do documentário pélo desenvolvido pelo Outro Grupo de Teatro

O espetáculo constrói sua dramaturgia a partir de fatos e documentos, trilhando o caminho da performatividade

Lúcio e dos norte-americanos Riley Moscatel e Buck Angel.

Proposta
Com uma hora de duração, "Histórias Compartilhadas"

funciona como um documentário cênico. A peça constrói sua dramaturgia fragmentada a partir de fatos e documentos, utilizando signos inesperados para lidar com o material reportado e não se propõe a representar um drama a partir disso.

Assim, para se estabelecer de forma mais objetiva, evitando cair numa apropriação indevida do discurso dos sujeitos apresentados, o caminho trilhado pelo trabalho é de performatividade.

"Em vez de eu incorporar os personagens, mimetizando a realidade desses homens, o discurso sai da própria boca deles, através de recursos midiáticos. Estou ali apenas como mensageiro, não é como se eu estivesse representando um homem trans", explica Ari Areia.

E com essa estratégia que o ator executa uma sequência de ações com o intuito de afetar a plateia de alguma forma.

"banhando-a" pelo que está sendo dito pela própria boca ou pelos recursos audiovisuais utilizados.

Debates
Não é a primeira vez que o Outro Grupo de Teatro se debruça sobre questões como essas em seus espetáculos. O repertório do grupo, que em agosto completa quatro anos de atividade, é composto pela comédia "Comer Querer Ver" (2012) e o drama "Cão e Léo" (2014). Ambos usam como pano de fundo a desconstrução da heteronormatividade.

Neste novo momento, no entanto, a força motriz do processo criativo leva o grupo a discutir sobre identidades de gênero discordantes e a lidar de homens transsexuais por adequação aos conceitos de masculinidade.

Mas, como reforça Ari, o grupo coloca em cena questões levantadas pelas pessoas trans que podem se encaxar

Mais informações:
Espetáculo "Histórias Compartilhadas": Hoje às 19h no Sesc Emiliano Queiroz (Av. Duque de Caxias, 170, Centro). Classificação: 16 anos. Grátis. Contato: (85) 3600.7255-2550

IMPRESSA

O POVO TERÇA-FEIRA
Fevereiro 12 - 19 de dezembro de 2012

VIDA & arte

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS EM BAIXA

12 equipamentos públicos de informática foram doados para o Centro de Referência em Saúde da Criança e do Adolescente de São Paulo, São Paulo, em 2012. O equipamento foi entregue em uma cerimônia realizada no Centro de Referência em Saúde da Criança e do Adolescente de São Paulo, São Paulo, em 2012.

Chico da Silva



APARCA REPECORBERTA

2 O grupo de teatro Aparca Repecorberta realizou uma apresentação em São Paulo, São Paulo, em 2012. O espetáculo foi realizado no Centro de Referência em Saúde da Criança e do Adolescente de São Paulo, São Paulo, em 2012.

RETROSPECTIVA ARTES CÊNICAS SONHOS, PROVOCAÇÕES E LUTAS

Em 2015, as artes cênicas viveram momentos de comemoração e de articulação política. Entre as obras que marcarão o ano, novas temáticas propostas entrarão em cena

Pedro Renato Abreu
Jornalista

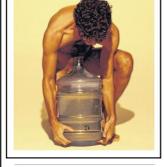
Do teatro ao cinema, da dança ao vídeo, as artes cênicas em 2015 foram marcadas por momentos de comemoração e de articulação política. Entre as obras que marcarão o ano, novas temáticas propostas entrarão em cena.

ESTRADA ANTIDROGADA

3 O grupo de teatro Estrada Antidrogada realizou uma apresentação em São Paulo, São Paulo, em 2012. O espetáculo foi realizado no Centro de Referência em Saúde da Criança e do Adolescente de São Paulo, São Paulo, em 2012.

4 O ANO DA PERFORMANCE

4 O ano da performance foi marcado por momentos de comemoração e de articulação política. Entre as obras que marcarão o ano, novas temáticas propostas entrarão em cena.



REPE BRASILEIRA DE

5 O grupo de teatro Repe Brasileira de realizou uma apresentação em São Paulo, São Paulo, em 2012. O espetáculo foi realizado no Centro de Referência em Saúde da Criança e do Adolescente de São Paulo, São Paulo, em 2012.

MARIANA FLOREAS

6 Mariana Floreas realizou uma apresentação em São Paulo, São Paulo, em 2012. O espetáculo foi realizado no Centro de Referência em Saúde da Criança e do Adolescente de São Paulo, São Paulo, em 2012.

MARIA BETHÂNIA Cantora ganha mostra no RJ

MARIANA FLOREAS
Agência GLOBO

7 Talvez seja nos 50 anos de carreira mais fortemente celebrados da história da música popular brasileira. O que Maria Bethânia ainda não sabe é que, depois de estreitar a turnê "Almôço e agradecimento", será homenageada pelo prêmio da Música Brasileira e ter seu nome anunciado como entree do Mangueira no próximo Carnaval, ainda há muito mais.

Comença nesta quinta-feira para convidados (e sócia para o público) uma imensa exposição sobre seu imaginário, reunindo trabalhos incluídos de 160 artistas plásticos, músicos, escritores, fotógrafos, amigos e fãs além de itens de acervo pessoal da família Teles Veloso.

O material vai ocupar quase todo o espaço do Páço Imperial, no Centro do Rio, até 13 de setembro, com entrada gratuita, e uma programação paralela

que inclui filmes e canaux, sempre aos domingos, às 16h, com apresentações de nomes como Egberto Gismonti, Moreno Veloso, Pedro Sá e Jorge Mautner.

Surpresa
Intitulada "Mária de todos nós", a exibição é uma surpresa, conduzida discretamente há cerca de dois anos por Bia Lessa, que assina a direção, e Ana Baboum, amiga e produtora executiva de Bethânia há anos, que idealizou tudo. A cantora só vai conhecer a mostra em julho à noite.

"Acho que ela vai pillar quando vir o próprio caminhar, logo na entrada", tenta adivinhar a diretora Bia Lessa, sobre a base das instalações mais impactantes, justamente a que abre a mostra: uma estrutura portátil de ferro e cortinas que a cantora carrega em todos os shows, jamais vista pelo público. ? E o caminhar que ela usa, há anos. Reproduzimos o inter-

ior de maneira exatamente igual: o espelho no mesmo lugar, o frasco de Rinsoro na mesinha, as flores, o banguê no ombro e a irmã, Nelinha (que morreu em 2011) sempre ficava sentada. Ao lado, um vídeo mostrando o momento em que ela se prepara para cantar, a noite em que ela canta, o momento em que ela se despede, o momento em que ela volta para casa.

Tavares; ou a tela de Fani Brucher, em que a artista bordou frases como "Bethânia era artista para tudo, até para saci-berê!" (muito falado por Dona Cássia).

Há presentes que artistas plásticos já tinham dado a ela, como a tela de Carlos Brucher, uma obra assinada de José Alcântara. E um sem-número de peças que dialogam com o universo de referências de Bethânia, como os ornais em ferro de Tati Moroeno e o trabalho delicado da artista da Feira de São Cristóvão Vitoria Vieira, que constrói pequenos cenários dentro de malas de reticantes.

Entre os objetos pessoais, o espetador verá, pela primeira vez, os entalhes em madeira feitos pela própria Bethânia, os cadernos com suas anotações sobre shows e poesias; e as imagens feitas por Maria Amargo, fotografia oficial da família Teles Veloso, com

Bethânia preparando oferendas, lendo, além de uma imagem rara de Dona Cássia de cabelos soltos.

Ambientes
As 1.402 peças da mostra, já apelidada pelas organizadoras de "Ocupação Bethânia", estão organizadas de acordo com temas da artista, como a religiosidade, os elementos da natureza, a poesia, a arte popular ou Santo Amaro. São 13 ambientes distintos, cada um explorando uma manuseio desse universo poético, desde o caminhar, batizado por Bia Lessa de "porto zero".

No primeiro ambiente, o do revestido de ferro, o que lhe dá um cheiro forte de natureza, estão textos que poeta e mistico já escreveram para ela, como Ferreria Gullar, Míliã Piñon e Zélia Duncan. Obras do acervo do Museu do Inconsciente completam o espaço - 16 telas de internos do Instituto Municipal Nise da Silveira feitas num evento temático criado por eles intitulado "Sexos e betanias".

"O trabalho da Nise da Sil-

veira tem relação muito forte com o universo da Bethânia desde o cenário do show "Rosa dos ventos", de 1971, com projeções de obras de arte feitas por internos", lembra Ana Baboum, antes de percorrer os outros 12 espaços.

No fim da exibição, uma sala com o teto coberto por 22 mil saquinhos d'água, elemento fundamental na obra da artista, e que passa toda a vida do artista. "Enche-lo foi a empreitada mais difícil". Em um dos ambientes, há uma instalação de arte, trivet, de criar o ritmo, de criar o ritmo de certos paços que o patrocinador bancasse a mostra sem apoio estatal. E veio a ideia: convocar fili-chubs da artista para, madrugada adentro, ajudar. Feito.

Sob a instalação, que evoca um mar pontual, estão ainda 100 casinhas de madeira do artista carista Getúlio, que recitavam um Santo Amaro por-vel em meio à Praça XV.

"É lindo que seja aqui, no Centro do Rio. Haverá tapetes com poesias. Um jeito de integrar os passantes da cidade que Bethânia escolheu para morar", diz Bia.

FORTALEZA - CE, SEXTA-FEIRA - 3 DE JULHO DE 2015

O POVO

CENA G

HISTÓRIAS COMPARTILHADAS

O Outro Grupo de Teatro estreia amanhã, às 19 horas, o espetáculo *Histórias Compartilhadas*, no SESC Emiliano Queiroz, em sessão gratuita.

A nova produção do grupo é definida como "um documentário cênico sobre transexualidade masculina" e traz Ari Areia no elenco sob direção de Eduardo Bruno. A partir da próxima semana, a peça segue em cartaz no mesmo teatro aos sábados e domingos, sempre às 20 horas, com ingressos a R\$ 6 (inteira).

